

Mogno ganha plano científico de manejo

CLAUDIO ANGELO

EDITOR-ASSISTENTE DE CIÊNCIA

No século 17 ele virou sinônimo de fortuna. No fim do século 20, tornou-se caso de polícia. Agora, o mogno, a madeira tropical mais valiosa —e ameaçada— do planeta, ganha seu primeiro plano de manejo comercial guiado por dados científicos na Amazônia.

O projeto, que será realizado numa área de mil hectares pertencente a uma madeireira no Acre, foi inaugurado ontem pelo ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, e o governador do Estado, Jorge Viana.

A exploração será feita com base no estudo de doutorado do americano James E. Grogan, da ONG de pesquisas paraense Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia).

Ele pesquisou durante seis anos o comportamento e a ecologia do mogno (*Swietenia macrophylla* King) na Amazônia. Descobriu que os critérios adotados pelo manejo de baixo impacto para outras árvores não podem ser aplicados à preciosa árvore vermelha, cujo metro cúbico serrado alcança o preço de US\$ 1.200.

O princípio básico do manejo sustentável é só cortar árvores de um determinado tamanho (acima dos 50 cm de diâmetro) em parcelas de floresta que serão deixadas em repouso por 30 anos, para que as árvores jovens possam atingir o tamanho de corte.

Também é necessário deixar o dossel da floresta o mais intacto possível, sem abrir clareiras.

Com o mogno nada disso pare-

ce funcionar. "Diferentemente de outras árvores, ele se regenera bem em áreas perturbadas", disse à *Folha* o ecólogo Adalberto Veríssimo, do Imazon. O pesquisa-

dor cita estudos que detectaram uma maior ocorrência do "ouro vermelho" em áreas atingidas por furacões e erupções vulcânicas no México e na América Central.



Editoria de Arte/Folha Imagem

A explicação é que, enquanto muitas árvores tropicais preferem crescer na sombra, as plantas jovens de mogno precisam de luz. Para elas, clareiras na floresta são um impulso ao desenvolvimento.

Na Amazônia brasileira, onde a espécie ocorre em matas de terra firme —mais secas—, incêndios florestais causados pela ação do El Niño no passado podem ter sido decisivos para a sua adaptação.

Uma das idéias dos pesquisadores do Imazon é plantar mudas de mogno em clareiras de até um hectare —aproximadamente a área de um campo de futebol— abertas na mata. "Muitas tentativas de manejo fracassaram porque não havia luz o bastante para as mudas", diz Veríssimo.

A outra é limpar as áreas por meio do fogo, para evitar a competição com outras espécies, como bambu e palmeiras, contra as quais o mogno costuma perder. "São queimas controladas, cirúrgicas até", afirma o ecólogo.

Um terceiro elemento derivado das pesquisas de Grogan foi a escolha dos locais para o manejo —o mogno se concentra em áreas baixas, próximas a igarapés.

A extração na área começa no ano que vem. Os pesquisadores estão animados com os aspectos ambientais, mas ainda temem pelo futuro comercial: a União Européia fechou seus portos a todo o mogno brasileiro. "É preciso uma certidão negativa, que é o selo do FSC [Conselho de Manejo Florestal, o maior órgão certificador de madeira do mundo]", afirma Adalberto Veríssimo. "Esta é a última chance para o mogno."